

EDITORIAL

Dossiê temático especial: Ampliando vozes literárias: oralidade(s), escrita(as) e decolonialidade(s)

Organizadoras:

Dr^a Mauren Pavão Przybylski da Hora Vidal (PPGLit-UFSC/ Pesquisadora do Laboratorio Nacional de Materiales Orales – LANMO/UNAM)

Dr^a Rafaella Contente Pereira da Costa (UFRA)

Definição temática: literatura, voz, escrita, decolonialidade, oralidade

Apresentação da temática e do número.:

O pensamento decolonial tem seu registro de surgimento atrelado ao chamado Grupo Modernidade/Decolonialidade e data dos anos 90. O objetivo foi reunir uma série de intelectuais que queriam pensar sociabilidades, identidades desde uma perspectiva outra, ampliando o modo como se olha e trata os indivíduos, respeitando seus espaços de enunciação e culturas várias. Pesquisadores como Walter Dignolo, Nelson Maldonado-Torres, Enrique Dussel, Silvia Rivero Cusicanqui, Catherine Walsh foram os responsáveis por ações que começassem a tensionar atitudes e posicionamentos decoloniais.

Por outro lado, nos anos 80 surge, no Brasil, um dos primeiros grupos de trabalho da Associação Nacional de Linguística e Literatura (ANPLL), o GT de Literatura Oral e Popular, que pretende reunir professores, estudantes de graduação, mestrado, doutorado ou mestres e doutores que pensam a oralidade desde a perspectiva do corpo, da voz, da poesia oral que prega Zumthor (2007). Tendo como preocupação cartografar as narrativas orais de norte a sul do Brasil, tal grupo rompe com um olhar eurocêntrico que vê validade apenas na narrativa canônica, deixando de fora, muitas vezes, as verdadeiras fontes, o que o torna, de certo modo – e mesmo que não se pensasse nisso – decolonial.

Assim, o objetivo de tal dossiê é refletir as vozes outras, além de trazer práticas metodológicas e os teorias que rompem com um pensamento estritamente eurocêntrico e norteiam na pesquisa com as oralidades e literaturas. A diversidade de

artigos mostra a importância de nós, intelectuais das Letras, apostarmos na pluralidade de visões e análises no que toca às mais diversas formas de narrar.

O texto que inaugura este número especial, *LA CONSTRUCCIÓN DE LA RED IBEROAMERICANA DE ESTUDIOS SOBRE MATERIALES ORALES: COMPARTIENDO VISIONES Y OBJETIVOS*, de autoria de Berenice Araceli Granados Vázquez, nos apresenta a Red Iberoamericana de Estudios sobre Materiales Orales (RIEMO), um “un conglomerado académico conformado por investigadores y grupos de investigación de distintas disciplinas, que tienen en común el trabajo con materiales orales en alguna de sus etapas: documentación, procesamiento, almacenamiento, análisis y difusión”. Tal rede, está *intimamente vinculado* al Laboratorio Nacional de Materiales Orales (LANMO). Trata-se de um importante apanhado para que se conheça os grupos que fazem parte, como cada um tem se desenvolvido nos dois anos em que ela existe bem como quais as metas futuras.

Por outro lado, em *OFICINAS DE POESIA EM RIO GRANDE: O FAZER POÉTICO COMO APRENDIZADO*, Claudia Beatriz Pio Borges e Rosane Maria Cardoso nos apresentam um relato de experiências a partir da realização de oficinas ministradas por Borges na cidade de Rio Grande (RS). A ideia principal das autoras é *ressaltar o aprendizado adquirido ao longo da preparação, apresentação e realização dos trabalhos, a partir de um projeto que surgiu no meio acadêmico e foi apresentado à comunidade. Pretendem, outrossim*, a partir de um olhar decolonial, refletir acerca tanto da organização da ação quanto do fazer poético dos sujeitos periféricos.

O artigo “*REVISTA QUIXOTE E A LITERATURA AFRO LATINO AMERICANA EM “CONHEÇA A AMÉRICA, AMIGO!”*”, De *Sívio Duncan*”, de autoria de Aline Venturini, analisa a presença da literatura afro hispano-americana no texto “Conheça a América, amigo!”, e destaca, a partir do texto publicado na revista Quixote, assim como do trabalho da própria revista, a necessidade da inclusão de debates que envolvam a literatura afro latino-americana, em um período em que não só o Rio Grande do Sul, mas também grande parte do Brasil pouco valorizava a literatura afro e de autores negros.

Elivelton Melo e Silvana Fonseca trazem análises sobre as produções estéticas *Rap Crespo*, do rapper angolano MCK, e *Ismália*, do rapper brasileiro Emicida no

artigo “*EMICIDA E MCK ENTRE A RIMA E A LUTA: UMA LEITURA DO RAP EM ANGOLA E NO BRASIL*”, além de abordagens sobre pedagogia decolonial na prática de uma educação antirracista, a partir da obrigatoriedade do ensino de temática africana, afro-brasileira e indígena na educação básica brasileira.

Silvio Ruiz Paradiso, por sua vez, nos apresenta o artigo intitulado *ORALIDADE E INSCONSCIENTE ANIMISTA: EM QUE LINGUA ESCREVER AS LITERATURAS AFRICANAS?* em que objetiva “problematizar a questão da oralidade enquanto escolha estética e processo decolonial (ou anti-colonial) em obras de autores africanos em língua inglesa e portuguesa que, textualmente, questionam-se: em que língua escrever estas literaturas?”

Ainda em uma perspectiva de pensar as vozes negras deixadas à margem, Raffaella Andrea Fernandez nos apresenta o encontro literário entre Françoise Ega (1920 - 1976) e Carolina Maria de Jesus (1914/1919/1921-1977), escritoras negras que “*encontraram na literatura um espaço para imaginar, curar, transmutar e tecer percursos possíveis em seus processos diaspóricos*”. A autora traz um olhar comparativo procurando entender os textos das escritoras “*não apenas como um retorno às suas origens, mas também como fomento e recomposição de novos enraizamentos*”.

Pensando na literatura de espaços que, embora próximos a um grande centro, são considerados periféricos, tem-se dois textos dando ênfase à literatura de Valença (BA).

O primeiro é o intitulado “*ENSAIO PARA UM GRITO BRANDO, MÍSTICO E IMPOSSÍVEL*”: O CANTO INSISTENTE DE OTÁVIO MOTA, de Gilson Antunes da Silva e Mauren Pavão Przybylski. Os autores, apesar de não utilizarem diretamente da teoria decolonial como aporte, apresentam a produção ficcional do poeta valenciano Otávio Mota, o qual remete, em alguns dos seus textos, à resistência e às questões sociais que estão no bojo da análise de muitos pensadores decoloniais. Além disso, os pesquisadores apontam para elementos de grande importância como a “*presença de aspectos épicos e trágicos na ficção otaviana, acompanhados de uma preocupação com os problemas sociais, com o fazer literário, com os aspectos culturais e identitários de sua cidade e, sobretudo, com um desejo de mudança da realidade*”.

Depois em *Uma literatura em Supernova: Produção Literária de Valença(BA) no início do século XXI*, José Ricardo da Hora Vidal analisa a produção literária da

cidade de Valença (BA) entre os anos de 1999 e 2019, partindo do que o autor define como *metáfora da “Supernova”*. O pesquisador apresenta uma definição provisória da Literatura Valenciana, além de situá-la *dentro da História Literária da cidade, mostrando que – se por um lado, essa literatura contemporânea está dentro de uma continuidade; por outro, apresenta um fulgor próprio que poderia obscurecer o passado.*

Este número apresenta oralidade(s), escrita(s) e decolonialidade(s), seja a partir de pesquisas de campo, seja de uma desconstrução que parte da escrita. Cada artigo parte de um viés diferente para pensar a literatura, tanto a canônica quanto a que remete a manifestações culturais e/ou populares. Pensar e tensionar espaços que, ainda que possuam uma produção literária, são colocados à margem não deixa de ser um dos objetivos do fazer decolonial.

Boa Leitura!

Dra. Mauren Pavão Przybylski da Hora Vidal

Dra. Rafaella Contente Pereira da Costa